

Todo nosso respeito ao maior líder mundial em defesa dos trabalhadores e trabalhadoras: Papa Francisco

As Entidades de Representação dos trabalhadores e trabalhadoras do setor elétrico manifestam seu apoio, respeito e solidariedade ao Papa Francisco por todas as suas ações em defesa da dignidade da pessoa humana, da preservação do meio ambiente, do emprego e da inclusão.

O Papa Francisco é uma voz que não se cala frente as injustiças sociais, a opressão advinda deste capitalismo excludente, a deterioração dos Estados Nacionais e os riscos à democracia.

Independente de religião, sua mensagem entra nos corações. São ensinamentos de vida para todos que desejam construir um mundo melhor.

Gostaríamos de traçar um paralelo entre as mensagens que lemos nas suas encíclicas e as privatizações no Brasil.

As privatizações das empresas de energia e água dos países em desenvolvimento atendem interesses das nações mais ricas do planeta que, associadas a elite econômica local, buscam o controle destes recursos e lucros extraordinários. O desemprego, a redução do papel do Estado, os custos excessivos para acesso a água e a energia elétrica, sobretudo para os mais pobres, são corolários deste modelo.

No caso da Eletrobras, a tentativa de privatização está sendo conduzida por um governo sem legitimidade popular, que busca atender os interesses de fundos de investimentos nacionais e estrangeiros, fundos de pensão de países ricos e de grandes corporações globais, multinacionais de energia elétrica e interesses comerciais das nações ricas.

As palavras do Santo Papa incentivam as nossas ações pautadas por:

- Luta contra uma Economia de Exclusão e a Precarização do Trabalho;
- Luta contra interesses econômicos da elite financeira nacional e internacional;
- Defesa intransigente de oportunidades de emprego;
- Luta contra o neoliberalismo que solapa as perspectivas de desenvolvimento;
- Defesa de recursos estratégicos para a população como água, energia, óleo, gás, reservas, adoção de políticas ambientalmente corretas e políticas sociais;
- Luta contra a Globalização da Indiferença e ao Projeto Econômico excludente, rentista e concentrador;
- Luta contra a especulação financeira sobre o acesso, uso e comercialização da energia;
- Revisão do modelo econômico vigente no Brasil, buscando a adoção de uma ética mais voltada para a justiça social, desenvolvimento inclusivo e respeito ambiental;
- Defesa do uso múltiplo das águas e do diálogo amplo, propositivo e frutífero com movimentos sociais e estudantis;

Nossa luta pela Eletrobras está muito acima dos nossos interesses exclusivos de empregados. Lutamos por um projeto de país que as empresas Eletrobras ajudaram a construir desde o final dos anos 40.

Integramos o Brasil através de linhas de transmissão, contribuimos para a universalização do acesso, conduzimos políticas públicas no setor de energia, incentivamos a indústria local através da infraestrutura elétrica, diversificamos a matriz elétrica brasileira, investimos em ciência e tecnologia, apoiamos as universidades, propiciamos oportunidades de emprego, desenvolvemos projetos conjuntos com países do Cone Sul, realizamos projetos sociais, grandes obras de engenharia, dentre diversas outras ações.

Para quem não conhece as palavras do Papa sobre o capitalismo e a economia, segue alguns trechos de suas obras mais recentes:

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA: EVANGELII GAUDIUM

Não à uma economia de exclusão

53. (...) Esta economia mata. (...) Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora (...)

54. Neste contexto, alguns defendem ainda as teorias que pressupõem que todo o crescimento econômico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão social no mundo. Esta opinião, que nunca foi confirmada pelos fatos, exprime uma confiança vaga e ingênua na bondade daqueles que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante. Entretanto, os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença (...)

Não à nova idolatria do dinheiro

55. (...) A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo.

56. Enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz. Tal desequilíbrio provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle dos Estados, encarregados de velar pela tutela do bem comum. Instaure-se uma nova tirania invisível, às vezes virtual, que impõe, de forma unilateral e implacável, as suas leis e as suas regras (...) Neste sistema que tende a fagocitar tudo para aumentar os benefícios, qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefeso face aos interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta.

Não a um dinheiro que governa em vez de servir

58. Uma reforma financeira que tivesse em conta a ética exigiria uma vigorosa mudança de atitudes por parte dos dirigentes políticos, a quem exorto a enfrentar este desafio com determinação e clarividência, sem esquecer naturalmente a especificidade de cada contexto. O dinheiro deve servir, e não governar! (...) Exorto-vos a uma solidariedade

desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano.

Economia e distribuição das entradas

202. (...) Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais (...)

204. Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado. O crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento econômico, embora o pressuponha; requer decisões, programas, mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo (...)

CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SI' DO SANTO PADRE FRANCISCO SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM

CAPÍTULO I - O QUE ESTÁ A ACONTECER À NOSSA CASA

56. Entretanto os poderes econômicos continuam a justificar o sistema mundial atual, onde predomina uma especulação e uma busca de receitas financeiras que tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente. Assim se manifesta como estão intimamente ligadas a degradação ambiental e a degradação humana e ética (...)

CAPÍTULO III - A RAIZ HUMANA DA CRISE ECOLÓGICA

(...) 128. Somos chamados ao trabalho desde a nossa criação. Não se deve procurar que o progresso tecnológico substitua cada vez mais o trabalho humano: procedendo assim, a humanidade prejudicar-se-ia a si mesma. O trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal. Neste sentido, ajudar os pobres com o dinheiro deve ser sempre um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho. Mas a orientação da economia favoreceu um tipo de progresso tecnológico cuja finalidade é reduzir os custos de produção com base na diminuição dos postos de trabalho, que são substituídos por máquinas. É mais um exemplo de como a ação do homem se pode voltar contra si mesmo (...) Renunciar a investir nas pessoas para se obter maior receita imediata é um péssimo negócio para a sociedade.

CAPÍTULO V - ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO E ACÇÃO

189. A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana. A salvação dos bancos a todo o custo, fazendo pagar o preço à população, sem a firme decisão de rever e reformar o sistema inteiro, reafirma um domínio absoluto da finança que não tem futuro e só poderá gerar novas crises depois duma longa, custosa e aparente cura. A crise financeira dos anos 2007 e 2008 era a ocasião para o desenvolvimento duma nova

economia mais atenta aos princípios éticos e para uma nova regulamentação da atividade financeira especulativa e da riqueza virtual. Mas não houve uma reação que fizesse repensar os critérios obsoletos que continuam a governar o mundo. (...)

190.(...) Mais uma vez repito que convém evitar uma concepção mágica do mercado, que tende a pensar que os problemas se resolvem apenas com o crescimento dos lucros das empresas ou dos indivíduos. Será realista esperar que quem está obcecado com a maximização dos lucros se detenha a considerar os efeitos ambientais que deixará às próximas gerações?

CARTA ENCÍCLICA LUMEN FIDEI DO SUMO PONTÍFICE FRANCISCO SOBRE A FÉ

(...) Não deixemos que nos roubem a esperança, nem permitamos que esta seja anulada por soluções e propostas imediatas que nos bloqueiam no caminho, que « fragmentam » o tempo transformando-o em espaço. O tempo é sempre superior ao espaço: o espaço cristaliza os processos, ao passo que o tempo projeta para o futuro e impele a caminhar na esperança.

Por fim, um mundo mais justo, solidário, ético, inclusivo, preservado e comprometido com as futuras gerações são desejos que nutrimos conjuntamente.

Trabalhadores e trabalhadoras unidos, continuarão na defesa da soberania nacional e das grandes empresas brasileiras.

Os sindicatos são importantes núcleos de resistência a este contexto econômico que amplia o desemprego e afeta milhares de famílias.

Nossa solidariedade a todos aqueles que resistem contra a tentativa de fragilizar as empresas Eletrobras, do Norte ao Sul do país.

Compartilhem este informe com os colegas!

Juntos somos muito mais fortes!

ASSOCIE-SE A AEEL (clique aqui) OU AO SINDICATO DE CLASSE (links nas logos abaixo)

**A Diretoria, em 24 de setembro de 2018.
Associação dos Empregados da Eletrobras - AEEL**

